

A Jurema Sob o Céu do Sertão

prêmio kindle
de literatura



FINALISTA

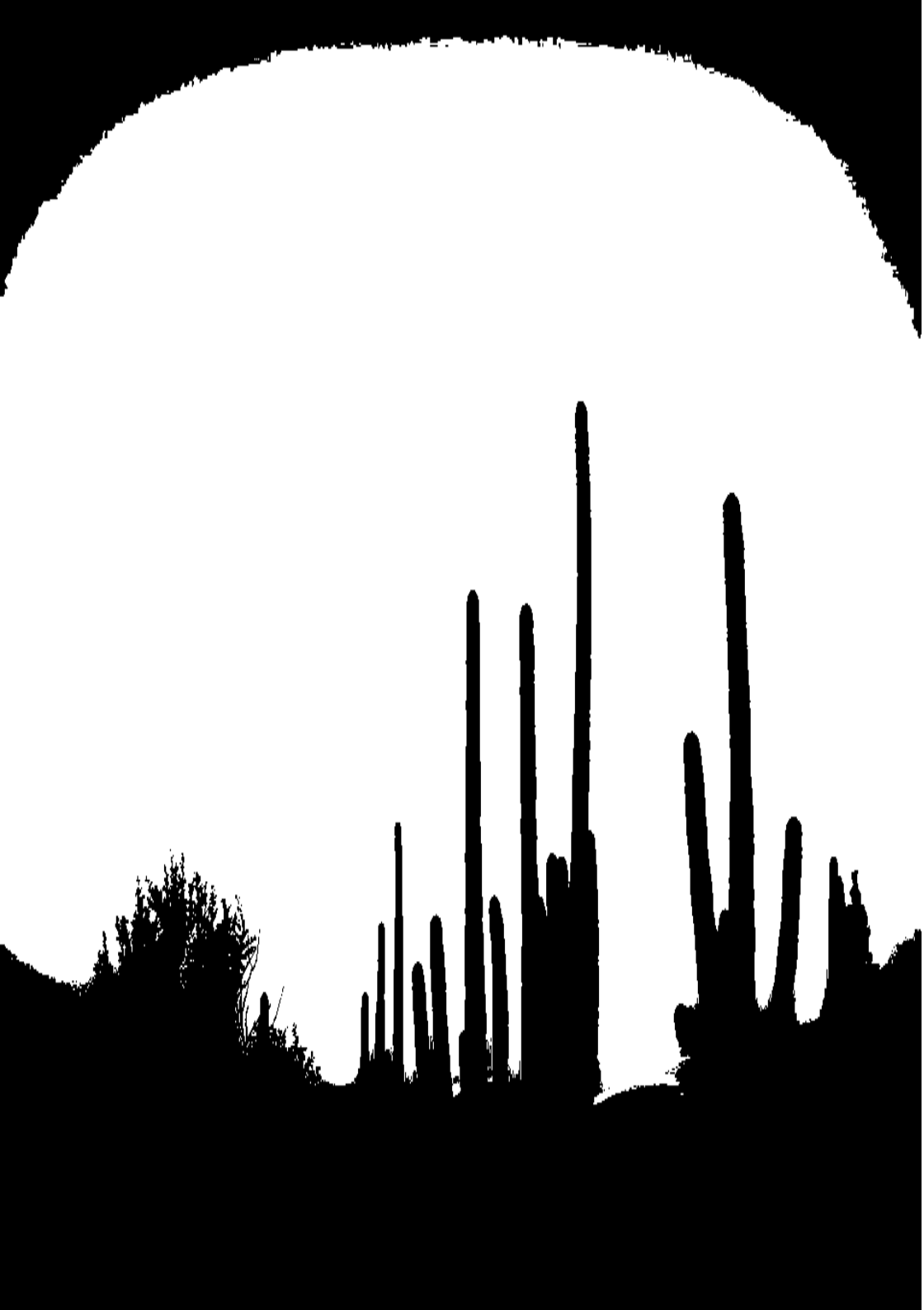
6ª edição

Eduardo Soares

A Jurema

A JUREMA,
SOB
O
CÉU DO SERTÃO

EDUARDO SOARES



A Jurema

Livro finalista do sexto prêmio Kindle de literatura. Um dos
maiores concursos literários do Brasil para escritores
independentes.

Ela só queria um pouco de água. Água para beber. Água para matar a sede que mata. Foi morta por invadir propriedade alheia. Foi morta pela indiferença e pelo poder dos mais ricos. Foi morta pelo descaso do Estado. Os que tinham a força para promover melhorias na vida do sertanejo pobre nada faziam. Ela tinha uma criança em suas mãos. Eles não a viram, ou ignoraram o fato. Cumpriam ordens, eles disseram... Ele prometeu vingança.

Nordeste 1929

O sangue escorrendo pelo braço parece ser o menor dos seus problemas. O calor escaldante do sertão nordestino em pleno meio dia chega a ser um presságio de dias piores. O suor mistura-se com o sangue, e ambos vão deixando vestígios pelo chão árido e seco daquela terra acostumada a estiagens severas e de pastagens ralas e espinhosas. Procurar um abrigo seguro para se recuperar parece agora ser o melhor a se fazer, afinal não poderia ir muito mais longe naquela situação. Carregava consigo apenas um pequeno cantil com o pouco de água que ainda lhe restava, e uma pequena faca, que lhe deveria servir como utensílio para as atividades de caça, assim como arma de proteção. Aliás, sua *única* arma de proteção, pois acabara de perder seu revólver no momento da fuga. Sua cabeça lateja como tivesse levado um coice violento do pirata. Sentiu falta do companheiro neste momento e percebeu que a solidão conseguia ser mais aguda que a dor de cabeça. Nem mesmo o belíssimo chapéu de coroa que ganhara do Capitão era suficiente para protegê-lo do vigoroso sol do Sertão, que parecia lhe querer fritar os miolos nessa hora.

Já são dois dias praticamente andando sem parar. A fome agora o apertou de vez. A ferida causada pela bala em seu braço direito neste instante já não incomoda tanto. Tivera sorte, o tiro pegara de raspão, precisava apenas limpar o local do ferimento para evitar qualquer tipo de infecção. Faria isso quando encontrasse um lugar seguro para dormir e se alimentar.

Contudo, sabia que isso seria uma tarefa muito complicada naquela região tão desprovida de qualquer coisa. Parou para descansar sob a sombra de um umbuzeiro. Ali, ficou a observar a aridez e a beleza daquela terra, sua terra. Gostava de fazer isso. Era contemplativo por natureza. Nasceu e cresceu naquela Região, rodeado pela truculência da pobreza local. Absorto, pensou no paradoxo que sempre cercou aquele lugar: Como era possível que fosse tão belo e tão pobre ao mesmo tempo?

Era período de estiagem, não que isso mudasse drasticamente em alguma outra época do ano, e o seu amigo umbuzeiro, assim como todas as árvores do sertão, estava com sua folhagem seca, quase nada de verde em sua composição. O cinza da seca era quem reinava. Mesmo assim, aquela árvore sagrada ainda lhe resguardava um pouco de acalanto com sua esparsa, porém acolhedora sombra.

Ador-meceu.

Luiz Gonzaga acordou sob o lindo céu estrelado do Sertão, com a lua cheia como testemunha de sua desventura. Uma das coisas que mais amava fazer era contemplar a noite sertaneja, contar as inúmeras estrelas e imaginar um mundo sem tanta injustiça e pobreza. Isso sempre o incomodou. Era diferente dos outros, sempre o foi. Muitas vezes quis sumir dali, tomar asas e voar ao lado de um Carcará. Queria lhe contar como era a vida lá embaixo e queria aprender com ele como era a vida nos ares. Todavia não tinha muito tempo para suas fantasias naquele momento. Tomou de sua pequena faca e foi caçar algo para saciar a fome. Encontrou um pequeno lagarto vagando entre a folhagem seca. Com muita precisão, enfiou-lhe a faca no lombo e aquilo teria que lhe servir de refeição naquela noite. Fez uma pequena fogueira com pedaços de galhos secos que encontrou sem dificuldades por ali perto, e ali mesmo comeu e descansou um pouco. Não tinha para onde ir, precisava bolar uma rota de fuga segura, precisava de um novo destino. Tinha a certeza de que não poderia mais ficar por aquelas redondezas. A essas horas, depois do ocorrido, pensava ser o homem mais procurado de

toda aquela região. Não poderia arriscar estar errado, pois isso, decerto, custaria a sua vida. Estava obstinado. Não queria mais aquela vida para ele. Queria ser um novo homem.

Esquecer tudo o que tinha vivido seria impossível, mas pretendia, sim, mudar o seu destino, o seu futuro.

Não esperou o dia cair, pois entendia os riscos de ficar muito tempo num mesmo local. Não deveria permanecer nem mais um minuto ali. Sabia também que seu provimento de água acabaria a qualquer momento. Embrenhou-se no meio da caatinga sem se incomodar com os espinhos que teimavam em dificultar seus passos. Gonzaga era jovem, não passava dos vinte e cinco anos. Era atlético e nem parecia ter passado por tanta coisa na vida sendo ainda tão novo. O seu porte físico foi essencial na fuga. Já são três dias subindo e descendo Serras, enfrentando o sol a pino e os efeitos da continentalidade. O chão, composto por muitos pedregulhos e espinhos, é apenas outro desafio a ser superado. Seus pés ardem, dentro daquelas botas quentes e desconfortáveis. Seu plano era encontrar a rodovia estadual que cortava toda aquela região e, com sorte, achar alguém de bom coração que desse carona e fuga para ele, um total desconhecido, sujo e baleado. Para isso, teria que se desfazer daquele traje. Ele tinha plena consciência das dificuldades que iria encontrar. Nunca tinha pensado em ir tão longe sem a companhia do Pirata. Sentia sua falta. Ele era a única herança que havia restado de seus pais. Um belo e forte cavalo branco, com uma única mancha negra em todo o seu corpo, que ficava justamente em um dos olhos. Seu companheiro inseparável, principalmente nas pega de boi. Caminhando por entre aquelas árvores contorcidas, lembrou-se da tarde em que se enfiou no meio da mata atrás de uma garrota que se desprende do rebanho e ficou perdida por horas. O cavalo parecia sentir prazer com aquelas aventuras, e isso era o que mais agradava seu dono.

Caminhou mais alguns quilômetros até avistar a Serra do Cruzeiro. Se conseguisse chegar ao topo, poderia localizar a rodovia lá do alto e monitorar quem por ali passasse. E assim o

fez. Na subida, colheu algumas palmas e saciou a sede com seu líquido. Com algum esforço, enfrentando uma trilha íngreme, chegou ao cume. De lá, avistou a imensidão do sertão, cortado ao meio pela linha escura da estrada que vinha de algum lugar e se estendia até onde a vista alcançava. Por um instante, deliciou-se com aquela bela visão. Por alguns instantes esqueceu os problemas. Estava aéreo novamente. Luiz Gonzaga era assim. Amava passar horas namorando a vastidão das planícies, com seus monólitos com formas arredondadas. Quando pirralho, passava horas olhando o céu noturno, do terraço de sua casa, escutando seu pai a tocar sua velha sanfona e contando causos sobre o rio São Francisco. Era uma das poucas coisas que se lembrava da infância. Ficava frustrado ao não conseguir lembrar-se integralmente de seu passado. Não conseguia decifrar aqueles flashes confusos que havia em sua cabeça.

Muita fumaça.

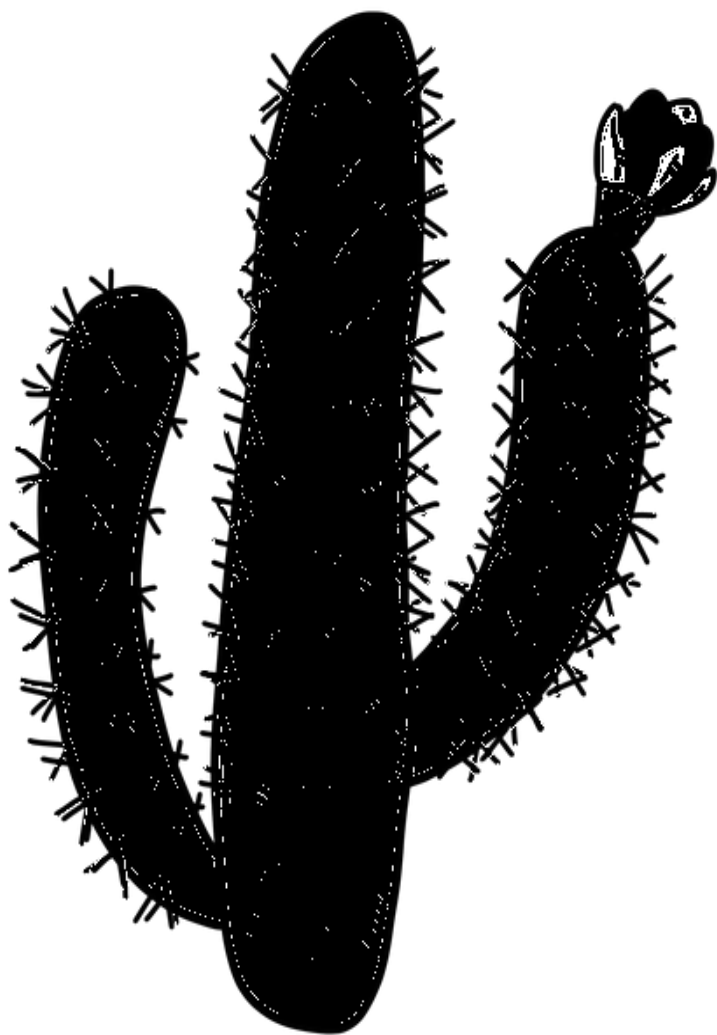
Luiz pensou melhor e decidiu passar a noite ali mesmo, no topo da Serra e, pela manhã, não iria arriscar seguir caminho pela estrada aberta. Também havia desistido da possível carona. Era muito arriscado. A volante facilmente poderia estar em seu encaixo. Seria muito imprudente de sua parte se expor deste modo. Tinha decidido seguir fugindo margeando a pista, por dentro da mata, sem chamar atenção, e pedir carona apenas em última instância. Havia escutado histórias por demais sobre cangaceiros desatentos capturados pelos macacos.

O crepúsculo já vinha vindo. Arrumou então um cantinho para deitar e descansar. Ao amanhecer retomaria sua Via Crucis.

Finalmente caíra a noite e, com ela, um lindo espetáculo proporcionado pelo luar do Sertão. O jovem maltrapilho pôde esquecer um pouco das angustias vividas nos últimos dias. Ficou a namorar a paz daquele momento. Os grilos e os mais diversificados mosquitos e bichos da caatinga faziam uma sinfonia harmoniosa, que se juntava à arte pintada no céu limpo pelas estrelas brilhantes. Luiz amava ligar aqueles infinitos pontos. Fazia mapas e desenhos em sua mente. Gostava de uma

estrela em particular. Ficava a se questionar se havia, em alguma delas, vida como a nossa, um sertão como o nosso, sem a injustiça e sem a pobreza existente por aqui. Seus pensamentos foram interrompidos por um estampido de tiro. Ergueu-se de sua sonolência e avistou lá embaixo, na pista, um carro saindo da estrada e abrindo caminho em meio à vegetação rala da caatinga. Segurou-se em seu medo por um instante, mas o que viu fez com que saísse de sua inércia e fosse levado por sua curiosidade ao local do incidente.

A Jurema



--- Tomem cuidado, por favor! --- exclamou Dona Alva na varanda de casa, entrelaçando as mãos.

--- Terei cuidado, mamãe. Não precisar ficar assim, tão preocupada. --- respondeu Anna, descendo os degraus e se aproximando do motorista, que lhe esperava para pegar-lhes as malas.

--- Ainda acho muito perigoso você voltar sem esperar que seu pai envie algum segurança.

--- Não há com o que se preocupar, mamãe. Já falei. Já fiz e refiz esse mesmo percurso várias vezes.

--- Sim, isso muito tempo atrás, e sempre acompanhada por alguém da família, ou com os seguranças de seu pai.

Anna bufou.

--- Seguranças, mamãe? São trogloditas armados que meu pai sempre nos envia. Tudo ficará bem. Não se avexe. Mando notícias assim que chegar.

Anna encerrou a conversa e se despediu, dando-lhe um beijo carinhoso na testa.

Dona Alva temia pela filha, e com certa razão. As estradas para o Sertão nunca foram tão confiáveis, e agora piorara ainda mais a situação com o bando de Genival patrulhando e rondando por toda aquela região. Mas Anna era mesmo daquele jeito: Sempre muito impulsiva e rebelde, o que ela insistia em confundir com ser destemida. Ninguém a seguraria mais na capital. Estava entediada com as pessoas dali, que, segundo ela, eram sempre tão cheias de si mesmas, com seus problemas rasos e futilidades das mais variadas.

Ela era do interior, odiava a cidade grande. Gostava do verde. Do Pôr do sol por entre as Serras. Do canto do Sabiá pela manhã. Do povo simples e humilde que aquela terra possui.

Anna tinha vindo muito cedo para o litoral para terminar seus estudos. Seu pai é o maior e mais rico coronel de Fogo Cerrado, cidadezinha encravada no meio do Sertão Pernambucano. Seu Aguiar era dono de praticamente todas as terras férteis do município, assim como proprietário da maior

parte do comércio local. Também detém grande poder político, apesar de nunca ter tido interesse em ser candidato a cargo algum. Coronel Aguiar alvares de Azevedo, figura mais conhecida, temida e respeitada daquela cidade. Sujeito de poucas palavras e que dificilmente saía dos arredores de sua fazenda, que mantinha sob punho de ferro. O homem rígido nos negócios contrastava, em muito, com o pai amoroso e carinhoso que habitava em casa. Seus filhos sempre foram o seu grande tesouro, e também seu calcanhar de Aquiles. Anna era a mais jovem deles. Conhecida por sempre ser muito gentil com todos na fazenda de seu pai, desde pequena, sendo muito querida e respeitada por todos os empregados. Diferente de Bentinho. O primogênito, desde muito cedo, apresentava traços de autoridade e arrogância muito parecidos com os do seu genitor. Nunca ligou muito para os estudos, seu desejo era o de ajudar o pai na administração da fazenda e nos demais negócios da família. Tinha contra si o descontentamento quase que total dos funcionários da Família. É sabido que ao completar dezesseis anos deflorou à força a filha adolescente de um dos empregados da fazenda do Riachão, fazenda vizinha a do seu pai, gerando grande animosidade entre os dois grandes Coronéis dali. O caso foi abafado pelo Coronel Aguiar, com a ajuda das autoridades locais, que temiam algum tipo de aborrecimento contra o homem mais rico da cidade. Este fato foi o principal gatilho para as desavenças e o ódio entre os fazendeiros vizinhos. Não eram raros os conflitos entre os donos de terra naquela Região. Disputas por cercas, por exemplo, eram rotineiras e quase sempre acabavam em mortes. As propriedades com leitos de água ou com algum tipo de reservatório eram constantemente invadidas. A seca aflorava o pior daqueles homens, e quem padecia era o pobre, sem eira nem beira, no meio daquilo tudo. Os grandes proprietários não estavam dispostos a gastar energia em prol dos mais necessitados. Muita gente morria na aventura em busca por água, invadindo terras alheias, atrás de matar a sede.

Anna concluiu os estudos em Recife e partiu para o Rio de Janeiro para cursar medicina. Cursos universitários para mulheres ainda eram novidades naquela época, mas os desafios eram como combustível para aquela garota sertaneja. Anna era considerada uma mulher à frente do seu tempo, sempre com ideias e ideais tidos como revolucionários para uma jovem de sua idade. Concluída sua graduação, não demorou muito a retornar ao Recife. Passou alguns dias com sua mãe e tomou a decisão de voltar à sua cidade natal, no Sertão, contrariando a vontade de seus pais. Dona alva, diversamente de sua filha, amava a capital, com seu ritmo próprio, seus sons, sua agitação. Fazia de tudo para não retornar a Fogo Cerrado. Odiava o calor excessivo. Odiava a poeira e os bichos. Odiava o marido sempre distante e a imensa casa vazia. Tinha a benção do Coronel para viver com todas as suas regalias na Capital. Sentia-se mal, contudo, com a solidão na capital. Desde o triste fato ocorrido entre Bentinho e a filha de um dos empregados do fazendeiro vizinho, a relação entre marido e mulher havia se deteriorado bastante. Ela achava que o esposo passava por demais a mão na cabeça do filho, negligenciando demasiadamente as suas ações. Dona Alva tinha resolvido ficar mais um mês no Recife e só retornaria quando o filho voltasse da Paraíba, onde resolvia negócios da fazenda do pai.

Anninha, como era chamada carinhosamente por todos da família, estava decidida a voltar. Colocou na cabeça que, por enquanto, não exerceria sua profissão na capital. Queria ajudar os mais pobres de sua cidade e, talvez, também lecionar para ajudar na alfabetização das crianças de São Sebastião. Sabia muito bem da briga que estaria comprando contra seu pai. Segundo ele, a vida no sertão não traria nada de bom para ela, que deveria arranjar um bom casamento no Recife, com a ajuda e a benção de sua mãe. A garota sempre achou este plano fora de cogitação. Anninha queria a SUA liberdade, queria traçar SEUS próprios sonhos. Trilhar SEU próprio destino. Além do que, amava a vida no interior. Estava com saudades de andar a cavalo, saudades dos

banhos de açude, saudades do ar puro e da mais bela noite de luar de todo o mundo.

Partiram logo cedo, ela, o motorista particular e o belo Rolls Royce preto da família. Nenhuma carta ou qualquer outro tipo de aviso fora mandado ao seu pai, comunicando-lhe a chegada. Queria lhe prestar esta surpresa. Típico dela.

Por perto do meio dia, já estavam próximos da grande Depressão Sertaneja. Deixaram os limites do agreste para trás. Anna era só felicidade. Não via a hora de chegar em casa e desfrutar de tudo que o sítio da família tinha para oferecer. Seu espírito pueril jamais a tinha abandonado. Em momento algum pareceu sentir preocupação em viajar sem a companhia de algum capanga enviado pelo pai. Aliás, sabia muito bem que isso seria motivo de discussão com o seu velho ao chegar na fazenda. Ela estava absolutamente encantada com a paisagem, que até se esqueceu dos perigos que rondavam a região. O fato de não se ter, há quase dois anos, notícias oficiais sobre ataques naquela região, deixava-a mais tranquila para apreciar a beleza da caatinga. E o Sertão realmente continuava lindo, com suas Serras e chapadões de arenito, e as mais variadas formações rochosas. Seus olhos claros brilhavam de encanto. Sempre se recordava, ao passar por ali, das estórias que sua avó contava, relatos, passados de geração em geração, de que tudo aquilo um dia já foi um grande e imenso mar.

Aninha estava em casa.

--- Olhe, Patroinha. Aquela é a Serra do Cruzeiro. Em poucos instantes estaremos em casa. --- informou o motorista.

--- Meu Deus! Já tinha esquecido como ela é. Continua linda e imponente como sempre. --- Respondeu a garota. --- Uma pena que não podemos parar para um pouco, não é mesmo? Esse céu tão lindo merecia uma pausa. Meu pai costumava nos trazer aqui para vermos as estrelas.

--- Não podemos mesmo parar, Patroinha, me desculpe! Seria muito imprudente e perigoso. Dizem que essa região voltou a ser cercada por bandidos. Melhor não dar chances para o azar.

--- Não se preocupe. Foi apenas um pensamento descabido. ---Ela sorriu.

Chegando um pouco mais próximo da Serra, em uma das várias curvas daquele trecho, avistaram um rapaz, a pé, na beira da estrada. Parecia exausto e machucado. Seu corpo parecia pesado, e ele pendia para a lateral. O motorista, por instinto, acelerou o carro para ultrapassá-lo logo, a fim de se evitar qualquer tipo de problema.

--- por que isso agora? – Contestou Anna, assustada com a aceleração repentina.

--- Pedidos de carona à noite, podem ser perigosos, minha Patroa. –Respondeu o motorista. –Essa região está cheia de cangaceiros novamente, não colocarei a senhorita em risco.

--- Não há de acontecer nada. É apenas um andarilho. – Ela insistiu.

--- Mesmo assim. Não vou arriscar.

Ao notar o fecho de luz dos faróis em suas costas, o rapaz fez um aceno com a mão, implorando carona, como havia previsto o motorista. Porém foi totalmente ignorado. O carro acelerou e passou por ele, levantando poeira da pista. Irritado com aquilo, não pensou duas vezes, sacou de sua arma e efetuou dois disparos em direção a eles.

Ambos os tiros acertaram o motorista. Um tiro nas costas e o outro no ombro. Com muita dificuldade e perícia, ele ainda conseguiu manter a direção por alguns metros. O sangue escorria pelo seu corpo, e ele gemia. Anna gritava de desespero, paralisada com o medo, até o momento em que teve que agir. Voltou a si. Pulou para o banco da frente e tentou segurar a direção. Não sabia ao certo o que fazer. Olhava incrédula para o empregado ensanguentado ao seu lado. Não conseguia guiar e nem diminuir a velocidade do veículo. Sua mente tentava buscar explicações para o que tinha acabado de acontecer. Lembrou-se da mãe falando dos perigos de se viajar sem os seguranças do Coronel.

Ao tentar uma posição melhor para guiar, ela puxa o homem ferido com uma das mãos enquanto tenta dirigir com a

outra. O carro passa por um buraco na pista e neste momento ela perde de vez o controle do veículo, que sai da estrada e avança mata adentro. O que ela apenas consegue enxergar agora é uma névoa de poeira que toma conta de tudo à sua volta. Se segura o máximo que pode. O carro avança por meio da caatinga, abrindo um grande clarão no meio da mata. Galhos e espinhos arranham sua pele e rasgam sua roupa. O veículo só para quando colide com uma árvore. Anninha bate a cabeça e desmaia.



Zé Donato sempre foi o preferido do capitão, sempre foi. Até a chegada de Gonzaga ao grupo. Perder o seu posto era algo que há muito lhe incomodava. Tomou para si a missão de capturar o desertor, aquele que os traía, desejava com isso voltar a ser o número um. Não descansaria até tê-lo feito.

Zé chegou muito cedo ao bando. Aprendeu desde muito novo a não se importar com mais nada, a não ser com sua própria sobrevivência. Apesar disso, era muito leal ao seu capitão, a quem devotava a mais sincera lealdade. Era um jovem forte, de aparência típica do sertão. O rosto era marcado pelo sol e pela vida dura do cangaço. Disputava com Luiz Gonzaga o posto de mais belo do bando, algo que despertava certo ciúme nos demais. Cresceu escutando as histórias de que fora salvo da morte na ocasião do assassinato dos seus pais por um grupo de policiais, que invadiram sua casa e saíram atirando em tudo, acusando-lhes de coiteiros. Único sobrevivente da chacina, ele foi encontrado pelo capitão perambulando sem destino pela mata seca. Não se lembrava de mais nada desse dia, o trauma da violência havia bloqueado a sua mente.

Esse tipo de evento era muito comum em todo o Sertão. Os mais pobres quando não eram explorados pelos grandes proprietários de terra, eram enxotados e assassinados pelos membros da volante, com a alegação, muitas vezes sem provas, de que muitos deles acolhiam e davam suporte para a estadia e a fuga de bandidos. Isso sem contar a violência proveniente dos próprios cangaceiros. Famosa era a história das três mulheres de uma mesma família estupradas coletivamente por um grupo de pistoleiros em uma noite de São João na Cidade de Piranhas. Eram a mãe e suas duas filhas. Moravam sozinhas. A dona da casa se tornara viúva há pouco tempo, o que facilitou a atuação dos malfeitores. Os cangaceiros aproveitaram a distração dos festejos para invadir a casa e abusar das pobres coitadas. Alegavam que precisavam ser saciados, pois passavam tempo demais com o bando, sem mulheres. Essa era a normalidade na vida do sertanejo pobre: Seca, fome, exploração, banditismo

social, injustiça e muita violência. Foi neste exato contexto em que cresceu o jovem Zé Donato. Prometeu vingança eterna a todo e qualquer integrante da Volante, e que sempre seria leal ao Capitão que o salvou.

Zé e Luiz eram os mais jovens do bando. Possuíam mais semelhanças que diferenças, porém nunca foram amigos. Luiz chegou ao cangaço poucos meses após Donato. Pouco se falava das circunstâncias que o fizeram ser levado ao cangaço, mas se sabia que ele também tinha perdido os pais de forma violenta. Luiz chegou ao grupo tímido, passou meses sem abrir a boca. Apenas cuidava do seu inseparável cavalo.

Depois da troca de tiros, todos eles se dispersaram. Com um tiro na perna, Donato não conseguiu acompanhar o bando. Neste ínterim, decidiu não voltar ao esconderijo do grupo. Pensava apenas em seguir o traidor. Queria a qualquer custo capturá-lo. Escondeu-se num terreno baldio e ficou ali até ter a certeza de que não havia mais patrulha policial nas ruas. Pulou um muro e, sem ser notado, roubou algumas peças de roupas penduradas no varal. Não queria chamar a atenção com seus trajes de cangaceiro. Colocou a roupa numa bolsa de couro e as enterrou nos pés de um juazeiro. Rasgou um pedaço de pano e fez uma espécie de torniquete para estancar o sangramento à bala.

Ele não corria sérios riscos. A bala o atingira de raspão. Não havia muito com o que se preocupar, apenas o incômodo de não poder andar direito. Esperou as coisas se acalmarem e, na calada da noite, arrombou a porta da padaria central e se abasteceu do necessário para a jornada que acabara de determinar para si mesmo. Naquela mesma noite, pôs-se a caminho, e só voltaria ao Capitão com o traidor nas mãos. O bando tinha seu próprio código de conduta, o que era levado muito a sério por seus integrantes. Desertar era algo imperdoável para eles, ainda mais se a deserção fosse referente a alguém que havia sido salvo pelo grupo. Zé Tentou lembrar para qual direção Gonzaga havia se dirigido. Decidiu seguir sua intuição. Desde sempre foi um

exímio farejador de rastros. Não demorou muito e encontrou os primeiros vestígios da passagem de sua caça por ali. Gotas de sangue apontavam a possível rota de fuga de Luiz. Naquela noite, enquanto seguia sua presa, boa parte de seu tempo foi pensando na sua infância, pelo menos no pouco que recordava dela. Lembrou-se do carinho de sua mãe, apesar de o tempo ter se encarregado de apagar de sua memória o seu rosto dócil e amável. Recordou também o esforço de seu pai em manter todos alimentados em casa, de ir buscar água a dezenas de quilômetros do seu lar, de nunca deixar faltar a fé em dias melhores. Eles viviam uma vida muito difícil, sim. Mas eles se amavam. Chorou um pouco sem perceber, e acabou adormecendo sentado aos pés de um ipê.

Acordou com os primeiros raios do sol. Pegou um pedaço do pão furtado da padaria, rapadura e um pouco de água. Fez seu desjejum matinal e já estava pronto para prosseguir. Retomou a trilha com os rastros e, pouco mais adiante, se alegrou ao ver que estava na direção certa: Mais gotas de sangue no chão indicavam que não seria dessa vez que ele perderia sua presa. Fez um cálculo de cabeça e apostou que o alcançaria em pouco menos de dois dias, se mantivesse aquele ritmo. A dor na perna ferida era o grande obstáculo naquele momento. Sua obstinação era maior que o calor de quase cinquenta graus naquela manhã infernal no Sertão Nordestino.

Estava muito pensativo, além do habitual. Tinha visto e vivido de tudo nesta vida e, apesar da aparente casca grossa, era um rapaz muito emotivo. Conseguia disfarçar bem a sua revolta nas ações do bando que acabavam com estupros ou mortes desnecessárias. Aprendeu a dissimular o medo. Não conseguiu dormir por semanas após o seu primeiro assassinato. Zé era um jovem sertanejo típico. Tinha cabelos negros, altura média, em torno de um metro e setenta e cinco, pele queimada pelo sol, mãos grossas e um pouco de sardas. Era aquele a quem os nordestinos costumam chamar de caboclo. Na maioria das vezes era uma pessoa calada e de frases curtas e objetivas. Nunca

causou problemas que pusessem o seu bando em perigo e se orgulhava disso frente ao Capitão. Também evitava as saídas para arrombamentos de residências sem a anuência deste. Na verdade, carregava em seu íntimo um tipo de obrigação sagrada e velada em relação ao seu salvador, aquele que o tinha resgatado e dado uma nova vida. Era isso que o mantinha ali. Ele tinha uma dívida eterna para com o seu capitão. A vida no cangaço era dura: Monta acampamento aqui, monta acampamento ali. Nada de lugar fixo para se manter. Muitas andanças pela dureza da Caatinga, dormindo no chão e na lama. Na verdade, há tempos, estava cansado de tudo aquilo também. Mas jurou lealdade eterna ao seu Capitão e, além do mais, o que faria longe do cangaço? Que vida levaria? Por um breve instante reconheceu a coragem de Luiz. Porém, apesar de tudo, o casamento com o cangaço vinha em primeiro lugar, em seu modo de pensar.

Não passaria deste dia. Zé Donato tinha certeza de estar muito próximo de Gonzaga agora. Tudo indicava que estava bem perto de encontrar a Serra do Cruzeiro, mais quatro ou cinco horas de caminhada e a avistaria.

O rastro o levou dessa vez ao riacho das cobras. O riacho só levava mesmo o nome, havia anos que não corria uma gota de água sequer por ali. Um leito seco, que ficava assim por boa parte do ano, à espera do breve período de chuvas para se encher novamente. Encurtar o caminho em direção à Serra lhe veio a calhar neste momento. Já estava começando a ficar exausto com aquela perseguição. Feita a travessia, e novamente enfurnado mata adentro, tinha que continuar. Queria logo encerrar aquela busca e voltar para o acampamento. Achou que não aguentaria mais tanto tempo debaixo daquele sol. A perna doía. A mata deste lado do Riacho é um pouco mais densa. A passagem se tornava mais complicada porque não tinha consigo nenhuma ferramenta para abrir caminho em meio aos galhos contorcidos da vegetação. Um pouco mais adiante, não notou a presença de uma falsa coral descansando na base de uma Cumaru. Sentiu uma forte picada no seu tornozelo esquerdo. Soltou um enorme urro

de dor, agachando-se para analisar o ferimento. Procurou um abrigo para se proteger do sol e tentar aliviar o enorme desconforto causado por aquele animal medonho. Seu medo agora era gerado pelo fato de não saber diferenciar se aquela serpente era ou não mortal. Para sua sorte, a falsa coral não é um animal peçonhento. Começou a xingar a Deus e o mundo, pois aquele contratempo o faria perder um pouco mais de meio dia. Era preciso descansar, não havia outro jeito.

Comeu um pouco e tentou racionar ao máximo o consumo de água. Retomaria ao cair da noite, não aguentaria caminhar naquela situação, sob aquele sol sertanejo tão implacavelmente quente. Imaginava se esse esforço todo era mesmo necessário. Não sabia explicar aquele ódio pelo jovem Gonzaga, afinal os dois tinham histórias parecidas, ambos foram acolhidos por terem seus pais assassinados, deveriam ser mais unidos. “Blá”, pensou logo em seguida. Com o sol mais ameno, teimoso e determinado como era, decidiu não esperar pela noite e retomou sua caminhada. “Não bastasse o tiro numa perna, agora isso”, ia pensando durante o caminho, ainda sob o efeito da dor da picada.

Pouco mais adiante, conseguiu sair da mata fechada e se achava agora numa estrada de terra batida. Resolveu não mais seguir pela vegetação, estava sem condições de enfrentar a mata. Tinha a convicção de que Luiz não iria muito mais adiante sem cruzar a serra do Cruzeiro. Carregava a certeza de que ele estaria por lá, seus machucados não o deixariam ir muito além, sem um momento de repouso. E o melhor lugar para isso seria na Serra. Iria se arriscar com este pensamento. A Serra estava próxima. Já podia sentir o cheiro do fugitivo.

Um pouco mais adiante, gritos lhe chamaram a atenção. Avistou duas garotas cercadas por um grupo de macacos. Pensou em importuná-los, mas hesitou um pouco, afinal aquilo não era de sua conta. Ainda mais que não poderia se meter em mais confusão. Achou por bem dar meia volta e seguir seu rumo. Até deu alguns passos em sentido contrário, contudo não conseguiu

ficar em paz com aquilo que acabara de ver. Cinco homens armados importunando duas garotas indefesas. Seu ódio por aqueles homens falou mais alto, lembrou-se de que foram homens assim que acabaram com sua família. Decidiu então se intrometer.

--- Ei, o que está acontecendo aqui? - Gritou o jovem cangaceiro, aproximando-se do grupo.

--- Quem é você, rapaz? – Perguntou um dos abusadores. – Isso não é da sua conta, não. A não ser que uma dessas cadelas aqui seja sua irmã, é? ---Sorriu, cinicamente. ---Se não for o caso, melhor não se meter onde não é chamado.

--- Talvez seja sim da minha conta. – Donato desafiou o homem que o encarava. –Deixem elas irem. Só vou pedir uma vez.

Neste momento, uma das garotas, que era segurada pelos cabelos e tinha suas roupas rasgadas, grita e tenta se desvencilhar dos braços de um dos homens. Ela acaba recebendo um forte tapa no rosto. A outra garota, já sem forças e exausta de tanto ser abusada, só faz chorar em silêncio. Suas lágrimas misturam-se com o seu sangue e juntos caem naquele solo raso e pedregoso.

--- Não queremos problemas com você, meu jovem. – Falou aquele que parecia ser o líder do grupo. -Essas vadias são de uma família de coiteiros, elas merecem esse castigo. É a lei.

Zé sabia que era loucura enfrentar sozinho cinco homens armados, ainda mais em favor de duas molecas que nunca tinha visto na vida, ainda mais no seu estado físico deplorável. Seu rosto corou. A raiva lhe subiu pelo corpo todo, muito pelo sentimento de incapacidade que sentia naquele momento. Odiava se sentir daquele jeito, porém, naquele estado em que se encontrava, não duraria muito num confronto assim tão desigual. Resolveu se retirar, e o fez sob as chacotas e os risos dos macacos.

Contrariado com aquela situação, acelerou como pôde o seu passo. Tinha os pulsos cerrados, era a raiva dentro de si que